

Foi precisamente ao longo daquele regueirão e numa faixa de mais de uma centena de metros que eu e a minha mulher fizemos abundante colheita de peças do tipo das que vão desenhadas na Fig. 1. Depois de etiquetadas foram integradas nas colecções arqueológicas do museu do departamento de Antropologia que organizamos na Faculdade de Ciências da Universidade de Luanda, onde prestei serviço desde Janeiro de 1969 a Junho de 1972.

Oxalá que esta e outras estações arqueológicas de que colhemos abundantes materiais, arquivados no referido museu, possam vir a ser estudadas e publicadas.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto
Novembro de 1980

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Prof. cat. em comissão de Serviço na Universidade
de Luanda — 1968-1972

29.^a Campanha de escavações no Castro de Carvalhelhos, 1980

O Castro de Carvalhelhos fica a cerca 500 m e sobranceiro às Caldas Santas de Carvalhelhos, remota designação das justamente afamadas Águas de Carvalhelhos.

Fica em termo da freguesia de Bêça, concelho de Boticas e distrito de Vila Real.

Este castrinho é cheio de interesse por algumas das suas particularidades, que têm sido estudadas mercê de trabalhos que ali venho fazendo há mais de 30 anos, pois já dois anos antes de começar as escavações ali fiz prospecções para descobrir o alinhamento das muralhas soterrado por montões de terra e pedras.

Desde 1951 o castro é imóvel de interesse público (Decreto n.º 38 491, D.G., 2.^a Série de 6 de Novembro de 1951).

De 1 a 14 de Agosto de 1980 ali trabalhei com subsídio da Direcção-Geral do Ensino Superior. Regressei ao Porto em 15 de Agosto.

A Administração da Empresa das Águas de Carvalhelhos coadjuvou os trabalhos fornecendo ferramentas e compôs o estradão de acesso ao castro, danificado pela invernada.

Entre as particularidades que notabilizam o Castro de Carvalhelhos realça a grande fundura dos seus fossos.

Aquando da realização do Colóquio Luso-Espanhol de Cultura Castreja ⁽¹⁾ em Carvalhelhos, de 4 a 11 de Outubro de 1972, já se haviam desentulhado alguns pequenos troços dos 3 fossos na linha da cumieira, constituindo importante linha de defesa, pois atingiam funduras de 5 a 7 m.

Este facto, que tanto me tinha impressionado, também causou forte impressão aos arqueólogos portugueses e espanhóis participantes no Colóquio.

Uns e outros me incitaram a prosseguir no desentulhamento de mais alguns troços daqueles fossos.

Foi o que se fez, como relatei no trabalho 27.^o *Campanha de escavações no Castro de Carvalhelhos (1977)* publicado em «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Fascs. 2 e 3, Vol. XXIII, Porto, 1978, págs. 323-333, 16 Figs., mercê do valioso e avultado auxílio da Administração da Empresa das Águas de Carvalhelhos.

Os fossos, regueirões escavados paralelamente às muralhas, aparecem num grande número de castros e constituem mais uma linha da defesa do assalto às mesmas.

⁽¹⁾ A este Colóquio foram apresentados 15 trabalhos sobre castros e alguns problemas da cultura castreja por 6 arqueólogos espanhóis e 7 portugueses, que foram publicados no fasc. 3.^o do vol. 22 dos «Trab. de Antrop. e Etnol.», Porto, 1973, 168 págs. e 77 figs. A publicação do fasc. foi subsidiada pelo Inst. de Alta Cultura, pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela Empresa das Águas de Carvalhelhos.

A maior ou menor largura da boca dos fossos e a sua maior ou menor profundidade condicionam a sua maior ou menor capacidade defensiva.

Vimos nas campanhas de escavação dos últimos anos que os fossos do Castro de Carvalhelhos atingiam funduras de 6, 7 e 8 m.

Interessava averiguar as profundidades dos fossos da vertente do lado poente.

Foi esta, essencialmente, a finalidade dos trabalhos a que procedemos em Agosto deste ano de 1980.

Na encosta do lado poente, e a seguir à 2.^a muralha que corre do alto em direcção ao ribeiro, eram patentes dois fossos relativamente estreitos e entulhados, como se procura indicar no esquema da Fig. 1.

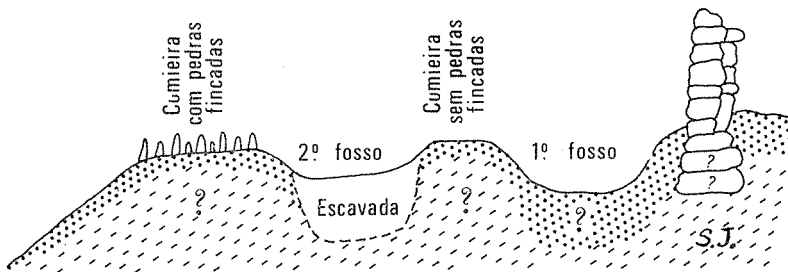


Fig. 1 — Desenho esquemático da faixa da vertente do lado ocidental com os 2 fossos a bordejar a muralha, lado pendente sobre o ribeiro que corre na base do castro.

Tanto as cumieiras como os fossos estavam cobertos de mato, especialmente urze e carqueja, que foi preciso cortar e arrancar.

Com a dificuldade em conseguir pessoal jornalheiro tive de me valer de 4 rapazes. Só pudemos iniciar o desentulhamento do 2.º fosso.

A Empresa das Águas de Carvalhelhos forneceu ferramenta, picaretas, pás e dois carrinhos de mão para transporte da terra e pedras, por ali não poder trabalhar o «dumper», dado o grande pendor da ladeira e as pedras fincadas, irregularmente especadas na cumieira que bordeja o 2.º fosso pelo lado de fora.

Desentulhamento do 2.º fosso.

Este fosso escavou-se numa extensão de 14 m com uma largura de 2,5 a 3,0 m, e a sua fundura oscilou entre 1,50 m e 1,60 m.

A terra que o entulhava era terra negra, vegetal.

Apenas ao findar a rampa xistosa de 4 m de comprimento apareceu uma mancha elíptica de terra mais clara com cerca de 1,50 de comprimento por 80 de altura que não forneceu sequer um fragmento de cerâmica (Figs. 2, 3 e 4).

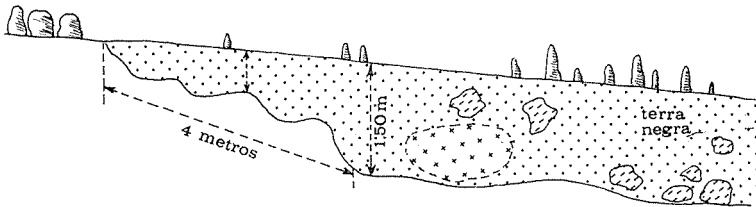


Fig. 2 — Corte esquemático do entulho, abundante terra negra com muita pedra miúda e algumas pedras grandes e uma bola de terra saibrenta clara, em contraste com a terra negra.

De mistura com a terra negra muitas pedras de vários tamanhos. A maior parte pequenas e outras mais miúdas. Também apareceram algumas grandes, como mostra a fotografia da Fig. 7. Mas foi na área dos 10 aos 14 m onde apareceram, quase juntas, 6 destas pedras maiores, que ficaram arrumadas na continuação do fosso, que não houve tempo de continuar a escavar. O fosso estende-se encosta abaixo pelo menos 8 a 10 m. No desenho esquemático de Fig. 2 procurou-se dar



Fig. 3 — Cumieira a bordejar o 2.º fosso, já em parte limpo de mato.



Fig. 4 — Escavação do 2.º fosso na parte cimeira e a seguir à faixa da rocha xistosa que o atravessava. À esquerda as pedras que com terra negra faziam o enchimento do fosso.



Fig. 5 — Porção cimeira do 2.º fosso que esbarrou na faixa da rocha xistosa com cerca de 80 cm a 1 m de altura a que se seguia um grupo denso de pedras fincadas.



Fig. 6 — Grupo de pedras fincadas da Fig. anterior. Estas pedras fincadas participam da crista de separação dos 1.º e 2.º fosso. Entre elas e a muralha corre o 1.º fosso que se escavará em próxima campanha de trabalho



Fig. 7 — Com muitas pedras miúdas e terra negra estava entulhado o fosso, de mistura com algumas pedras maiores como a que se vê nesta fotografia.



Fig. 8 — Testeira do 3.º fosso que convirá escavar em mais 15 ou 20 m. Ali a fundura vai a 7 m.

o aspecto da distribuição do entulhamento do fosso n.º 2 nos primeiros 8 ou 9 m.

Como era de esperar o espólio foi praticamente nulo o que aliás tem sucedido no desentulhamento dos outros fossos. Só terra e pedras. Nenhum fragmento de cerâmica, nenhum pedaço de escória. Apenas, de quando em quando, alguns pedacitos de carvão.

As muitas pedras de mistura com a terra negra, e sobretudo as grandes pedras, confirmam ter sido intencional o entulhamento deste pequeno fosso, como aliás o foi nos outros fossos que desentulhamos.

Em próxima campanha interessa desentulhar um troço de pelos menos 25 a 30 m do fosso n.º 1 que corre junto da muralha.

Resta agradecer em nome da Sociedade Portuguesa de Antropologia e em meu nome pessoal, à Direcção-Geral do Ensino Superior o subsídio concedido para escavações, e à Administração da Empresa das Águas de Carvalhelhos as ajudas prestadas.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto
17, Novembro, 1980

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR
Presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia

Campanha arqueológica no Castro de Sabrosa em Setembro de 1980

O Castro de Sabrosa está situado na extremidade oriental da Serra do Criveiro, dois quilómetros a norte da vila de Sabrosa, distrito de Vila Real.

As primeiras campanhas Arqueológicas realizaram-se em 1967, 1968, 1970 e 1971, sob a orientação do Prof. Doutor J. R.